

ASPECTOS PSICOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS DAS TEORIAS DA LINGUAGEM

JOSÉ PEDRO SILVA*

INTRODUÇÃO

Para melhor compreender as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita há, penso, necessidade de as situar no plano mais genérico das teorias da aquisição da linguagem. São as posições teóricas assumidas neste domínio que vão determinar quer a forma como se concebe a aprendizagem de uma língua, em termos pedagógicos, quer a forma como se representam os seus problemas, em termos psico-pedagógicos. As opções por métodos pedagógicos de ensino da leitura e da escrita, por técnicas de diagnóstico das perturbações de aprendizagem, por estratégias preventivas e remediativas dos problemas de aprendizagem decorrem em grande medida das opções Epistemológicas assumidas por cada educador.

É objectivo deste trabalho, apresentar uma sucinta delimitação das variantes deste domínio.

1. As Teorias Behaviouristas da Linguagem

A partir da década de 60 começaram a surgir mudanças significativas a propósito da interpretação e explicação dos proces-

sos de aquisição da linguagem. Até então, dominavam os modelos empiristas decorrentes da teorização behaviourista, perfilhada entre outros por Skinner. Os estudos desenvolvidos por esta escola ocupavam-se sobretudo da análise da **Quantidade**, e **Variedade** de palavras que uma criança era capaz de aprender. Estas palavras, uma vez classificadas em função de categorias retiradas da linguagem Adulta (verbos, substantivos, adjectivos, etc....) eram estudadas, por forma a caracterizar o modo como a criança desenvolvia cada uma destas categorias com a aprendizagem, e em função de variáveis tais como a idade, o sexo, o estatuto sócio-económico-cultural da família, o rendimento escolar, os métodos pedagógicos de ensino da leitura, etc...

O paradigma metodológico que sustentava esta abordagem da linguagem era de natureza atomista-associacionista, enquanto que a opção Epistemológica era Empirista. Postulava-se que existia nas crianças uma tendência para a imitação dos comportamentos adultos, enquanto que nestes existia uma tendência para o reforço selectivo dos comportamentos daquelas. Este processo seria de início muito simples, contudo, teria tendência a desenvolver-se em complexidade com o decorrer do tempo de aprendizagem. Em termos mais concretos, os behaviouristas sustentavam a tese de que quando uma criança

* Docente da ESE de Beja e Bolseiro do INIC

produzia um som, de algum modo semelhante a um som produzido pelos adultos, então estes teriam tendência a manifestarem a sua satisfação e aprovação, através de mecanismos de reforço, que fixam a resposta dada pela criança.

Desta maneira, a cada objecto apresentado à criança, os adultos acrescentam uma emissão vocálica, que uma vez reproduzida, se fazia seguir de um reforço, que estabelecia então uma associação entre objecto-som mais ou menos duradoura. A linguagem seria assim, e segundo Skinner, não mais do que o produto de um longo processo de condicionamento operante.

No plano epistemológico, este tipo de explicação, muito em voga nos anos 60, procurava combater todo o recurso a uma causalidade interna (Espiritualismo, Mentalismo, Inatismo) na explicação dos comportamentos linguísticos, através da defesa de uma atitude empirista/positivista. Skinner foi bem explícito a este propósito: ao rejeitar a evocação de qualquer tipo de explicação interna no estudo da linguagem, operou uma redução desta à sua **função comunicativa**. Ou seja, ao encarar os mecanismos de representação subjacentes à linguagem como noções mentalistas, inacessíveis a uma abordagem empirista, limitou-se então a estudar os "significantes" da linguagem.

Em conclusão: A linguagem era, para Skinner, um mero aglomerado de "significantes", que se organizavam no sentido de preencher uma função social de comunicação. Por conseguinte, a aprendizagem da linguagem seria de natureza social, ela dependeria por um lado, da história dos reforçamentos que o sujeito experimentasse ao longo do seu desenvolvimento, e por outro, da situação social em que o sujeito se encontrasse. Resta acrescentar que Skinner acreditava que em última instância a Psicologia se poderia reduzir no futuro ao estudo bio-fisiológico do S.N.C. pelo que também a análise da linguagem se poderia resumir aos fundamentos bio-psicológicos do S.N.C., ou seja, à identificação dos processos pelos quais um INPUT é processado em OUTPUT.

1.2. Críticas às Teorias Behaviouristas

Para além das críticas mais correntes às posições behaviouristas: a crítica da redução epistemológica da ciência à realidade factual e a crítica da redução metodológica ao atomismo-associacionista; FERREIRO e TEBEROSKY (1986) apontam a crítica à concepção behaviourista da linguagem.

De facto, estas autoras sustentam que a linguagem não se pode restringir a uma mera função comunicativa de natureza social, ou seja, a aprendizagem da linguagem não se limita à aprendizagem de significantes por condicionamento operante.

Para sustentar esta tese as autoras apresentam como argumento a seguinte constatação: a regularização espontânea de verbos irregulares realizada por crianças aquando da aprendizagem da língua espanhola. Todas as crianças de língua espanhola (pensamos que o mesmo se passa com as de língua portuguesa), por volta dos 3-4 anos de idade dizem "yo lo poni" ("eu pulo") em vez de "yo lo puse" ("eu pus"). Ora, de acordo com a hipótese behaviourista esta regularização de verbos irregulares tratar-se-ia de um erro-engano, resultante de um reforço insuficiente da resposta correcta. Contudo, as autoras argumentam que esta hipótese é inaceitável, primeiro porque as crianças, todas as crianças, cometem sistematicamente este erro, segundo porque se trata de um "erro" que tem subjacente uma certa lógica: a criança só inicia a regularização dos verbos irregulares depois de ter aprendido a lógica latente à conjugação dos verbos regulares. Ou seja, em vez de ser um sujeito passivo que realiza aprendizagens através de um processo de imitações fundado no reforço, a criança é um ser activo que ao procurar insistentemente compreender as regras da linguagem produz hipóteses, procura regularidades que coloca à prova continuamente. Isto é, a criança constrói e reconstrói a linguagem a partir de elementos que o meio lhe faculta. Há uma interacção contínua e dinâmica entre o meio e o sujeito, o que leva a supor que o próprio sujeito pos-

sui em si competências intrínsecas que o habilitam pelo menos parcialmente, para a aprendizagem de uma língua, que nesta exacta medida não se reduz à sua mera função comunicativa.

Este facto, e este tipo de argumentação, conduziram em meados da década de 60 a uma perda progressiva da influência que o modelo Empirista desempenhava no estudo da linguagem, e paralelamente, a uma valorização gradual dos modelos inatista e construtivista.

2. As teorias linguísticas de Noam Chomsky

Noam Chomsky, no final dos anos 60, inicia um trabalho teórico no domínio da linguística, que se vai esboçar contra o tecnicismo-empirismo behaviourista, e a favor dos paradigmas inatistas e estruturalistas.

De facto, a gramática generativa que este autor propõe, engloba, entre outras teses, as seguintes (CHOMSKY, N.; 1970):

1º. A criança, quando nasce, transporta já consigo um conjunto de estruturas inatas que a habilitam para a realização de aprendizagens linguísticas.

2º. Estas estruturas inatas situam-se ao nível do S.N.C., pelo que o estudo da linguagem se deverá inserir na Psicologia.

NOTA: Neste ponto, há uma analogia com Skinner, já que ambos valorizam o papel do S.N.C. no plano da linguagem. A divergência entre as suas posições reside no facto de Skinner advogar que o conhecimento do S.N.C. irá permitir o aperfeiçoamento das técnicas de condicionamento operante, enquanto que Chomsky defende que o desenvolvimento das pesquisas no S.N.C. apenas virá reforçar o valor das estruturas inatas na determinação da aprendizagem da linguagem.

3º. Há uma universalidade das estruturas subjacentes às linguagens que advém

da universalidade das estruturas do S.N.C., humano.

4º O desenvolvimento das potencialidades inatas na aprendizagem da linguagem requer contudo "condições de colocação" adequadas, pelo que é necessário aguardar pela maturação de diversas funções tais como a percepção, a memória, os aparelhos fonatórios, os "filtros psicológicos" etc.... (CHOMSKY, N.; 1970).

5º. O objectivo geral da psico-linguística é a construção de uma gramática universal, que formalize as competências linguísticas inatas que todos os homens utilizam para representar a realidade. (PARROT, F.; 1978; CHOMSKY, N.; 1970).

6º. Por último, importa referir que a gramática generativa de Chomsky, e em consonância com a crítica aos behaviouristas, se ocupa essencialmente do estudo da função representativa da linguagem, isto é, das suas estruturas internas como modos de figuração da realidade. Neste aspecto o estruturalismo Chomskiano opõe-se diametralmente ao Atomismo Skinneriano. A diferença de fundo situa-se por conseguinte quer nas opções metodológicas, quer nas concepções epistemológicas.

2.1. As críticas a Chomsky

Para além da polémica científica e epistemológica, que na primeira metade da década de 70 opôs Chomsky e colaboradores à escola de Piaget, há um conjunto de críticas (algumas ultrapassadas já) que se dirigem à linguística de Chomsky:

1º. A crítica da redução da Psicologia, particularmente da Psicologia da Linguagem, à Biologia. Na obra "Reflexions sur la Langage" (1977), Chomsky refere explicitamente que "a linguagem é um fenómeno biológico do homem que resultou duma mutação fortuita na história filogenética

da espécie humana". (citado por MEHLER, J; 1987).

2º. Desta redução biologicista advém a defesa intransigente de uma atitude inatista a propósito da origem das estruturas da linguagem. Neste sentido ainda deve acrescentar-se que esta radicalização foi já ligeiramente atenuada, principalmente devido aos trabalhos teóricos de autores tais como Gui CELLÉRIER, Jean-Pierre CHANGÉUX, entre outros.

3º. Da mesma forma é criticado a Chomsky (PAROT, F.; 1978) o facto de procurar explicar os fenómenos sociais exclusivamente a partir das estruturas linguísticas. Ou seja, este autor critica em Chomsky a transferência Ingénua do racionalismo estrutural da linguística para a Sociologia sócio-política.

4º. Por último, a mais importante crítica surge de Piaget que não aceita a tese Chomskyana de que são as estruturas universais da linguagem que imprimem um impulso qualitativo ao desenvolvimento cognitivo, ou seja, Piaget não aceita que o pensamento seja consequência da linguagem.

Aliás, terá sido a valorização progressiva desta polémica em torno das relações Pensamento-Linguagem (entre CHOMSKY e PIAGET) que terá levado Jacques Monod, então presidente do Centro Royaumont para as Ciências do Homem, a incrementar a organização de um encontro internacional, que abordasse as várias vertentes da polémica: quer a Epistemológica (empirismo vs inatismo vs construtivismo), quer a Psico-Linguística (pensamento vs linguagem), quer ainda a Paradigmática (estruturas biológicas vs estruturas cognitivas).

Neste momento não é nosso objectivo abordar com detalhe as características que revestiram esta polémica já que foram bastantes as teses em jogo e por demais complexa a sua natureza. Contudo, importa referir que deste encontro surgiu, pelo menos ao nível das intenções, o desejo de conceber uma análise das teses Chomskyanas em termos Piagetianos, e vice-ver-

sa, por forma a alcançar uma via de compromisso, que pudesse reunir as enormes vantagens advindas para o estudo científico da linguagem dos trabalhos produzidos por estas duas escolas.

3. A teoria construtivista de Piaget

No plano epistemológico, Jean Piaget afirmou, por várias vezes, que a sua posição divergia acentuadamente quer do Inatismo de CHOMSKY, quer do Empirismo de SKINNER.

B. INHELDER (1987) afirma a este propósito que a convicção pessoal de Piaget se dirigia mais contra as posições Empiristas do que contra os postulados Inatistas da Chomsky. Já que considerava que este autor desenvolveu um trabalho incompleto. Isto é, Piaget aceita a fundamentação biologizante da linguagem, contudo não aceita o inatismo das estruturas (verbais ou cognitivas) postulado por Chomsky; pelo contrário advoga que se alguma coisa é inata então trata-se de um Inatismo de funções: o ser vivo procura inter-relacionar-se com o meio por forma a preservar o seu equilíbrio interno. Piaget opõe, por isso, o inatismo das funções (Equilíbrio) ao Inatismo das estruturas de Chomsky.

Um outro ponto de discórdia reside no papel a atribuir às relações entre a linguagem e o pensamento. De modo diferente de Chomsky, Piaget valoriza essencialmente a função representativa ou simbólica subjacente à linguagem, enquanto que àquele outro autor interessava apenas o aspecto estrutural. Piaget defende que são os processos biológicos da acomodação (inatos) que permitem inicialmente o acesso à imitação diferida, e depois à função semiótica. Contudo, uns e outros são decorrentes dos processos, também biológicos e inatos, da assimilação do real aos esquemas cognitivos, ou seja, antes da linguagem, antes da função semiótica, antes da imitação diferida há o pensamento, que apesar de rudimentar e limitado, é já pensamento. E este é resultado da intervenção activa do sujeito sobre o ambiente físico, e não, como o concebia Chomsky, a conse-

quência de uma estrutura linguística inata que atribui ao sujeito um papel passivo.

Numa palavra, Linguagem e Pensamento seriam dois pólos em contínua e construtiva interação ao longo do desenvolvimento.

3.1. Críticas a Piaget

Para além das críticas de Chomsky a Piaget, que afinal são o reverso das críticas de Piaget a Chomsky, resta referir que uma das críticas que maior pertinência possui para o desenvolvimento das teses da escola de Genebra é aquela que é endereçada por PAROT (1978), e que diz respeito ao facto de Piaget, quer nos seus estudos sobre a inteligência, quer naqueles outros sobre a linguagem, reduzir o Meio "a um papel simplesmente decorativo". Isto é, o conceito de Meio em Piaget restringe-se ao Meio - físico, descarta-se o meio social, que na aprendizagem da linguagem é particularmente importante, como de certa forma o demonstram as teorias behaviouristas da aprendizagem social, não para o caso propriamente da linguagem, mas enfim para a estruturação global dos comportamentos humanos. Numa palavra: «O Meio em Piaget é sempre um Meio passivo, inerte, sempre caracterizado no plano físico, nunca social». (PAROT, F.; 1978, 119).

4. Conclusão

1 - Há uma filiação comum nas posições adoptadas por PIAGET e CHOMSKY, que poderemos identificar com as teses Estruturalistas. Filiação comum que pensamos permitir uma aproximação entre os dois modelos, o que aliás já acontece. Por outro lado, ambos os autores se demarcam radicalmente das teses behaviouristas, a ponto de estabelecerem uma diferença de qualidade importante ao nível das hipóteses avançadas.

2 - Contudo, há diferenças significativas no tipo de justificação aduzidas para a interpretação do fenómeno da linguagem. Chomsky crê que há uma certa universalidade das estruturas gramaticais que advém de um inatismo bio-fisiológico de natureza estrutural; enquanto que Piaget crê que, se por ventura existe alguma regularidade de natureza inata, esta é ao nível das funções. Ou seja, enquanto Chomsky adopta uma atitude radicalmente inatista, a ponto de conferir ao sujeito um papel passivo; Piaget assume uma posição construtivista, que confere a iniciativa total ao sujeito, apesar de atribuir ao Meio uma passividade decorativa.

3 - Uma outra importante diferença resulta dos interesses iniciais que presidiram aos trabalhos de ambos os autores. Chomsky no domínio da linguística interessava-lhe demonstrar que era a linguagem que determinava o rumo do desenvolvimento do pensamento; enquanto que Piaget no domínio da teoria do conhecimento, lhe interessava analisar as origens e a génese do pensamento. A questão da linguagem surge na sequência da formulação destes problemas.

4 - Finalmente, parece-nos que Chomsky e Piaget analisaram a questão da linguagem de pontos de vista diferentes: ao primeiro interessava-lhe o ponto de vista estrutural, ao segundo o ponto de vista representativo/simbólico.

5 - Parece, por último, que quer uma, quer outra escola, se demarcam radical e definitivamente das teses behaviouristas.

BIBLIOGRAFIA

- CELLÉRIER, G., *Alguns esclarecimentos sobre o inatismo e o construtivismo*, vidé (PIAGET, J.; CHOMSKY, N.; 1987)
CHOMSKY, N., *Le Langage et la Pensée*. Payot, Paris, 1970

CHOMSKY, N., *A propósito das estruturas cognitivas e do seu desenvolvimento*, vidé (PIAGET, J.; CHOMSKY, N.; 1987)

FERREIRO, E., TEBEROSKY, A., *Psicogénese da Língua Escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

INHELDER, B., *Linguagem e conhecimento no quadro do construtivismo*, vidé (PIAGET, J. CHOMSKY, N.; 1987)

MEHLER, J., *Psicologia e psicolinguística: o impacto de Chomsky e de Piaget* vidé (PIAGET, J.; CHOMSKY, N.; 1987)

PAROT, F., *Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem*, *Análise Psicológica*, 1978, 2, 1, 115-124.

PIAGET, J., *Psicogénese dos conhecimentos e a sua significação epistemológica* vidé (Piaget, J.; Chomsky, N.; 1987).

PIAGET, J.; CHOMSKY, N., (org.); *Teorias da Linguagem-Teorias da Aprendizagem*, Ed. 70, Lisboa, 1987.

Colabora com

LEP
educação